Dia 13 — São Maurílio, Bispo de Angers

Martirológio Romano

O martírio de São Filipe, pai de Santa Eugênia, virgem, em Alexandria. Havendo feito demissão da prefeitura do Egito, fez-se cristão; estando em oração, foi degolado por ordem do prefeito Terêncio, seu sucessor. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Os santos mártires Macróbio e Juliano, que padeceram no tempo de Licínio.

São Lioro, mártir, no mesmo dia; o qual, por confessar a fé de Cristo, foi morto por uns caçadores gentios no ermo onde vivia.

Santo Eulógio, bispo, esclarecido em doutrina e santidade, em Alexandria. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Maurílio (ou Maurílio), em Angers, na França, esclarecido pelos milagres sem número que obrou. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santo Amado, bispo e confessor, em Sens.

São Venério, confessor, varão de admirável santidade, no mesmo dia: viveu vida eremítica na ilha Palmária.

Santo Amado, presbítero e abade, no mosteiro de Remiremont, na França; célebre por sua grande abstinência e pelo dom de milagres.

São Maurílio, Bispo de Angers

Pela metade do século IV quis Deus dar a todo o mundo cristão um exemplo novo de virtude na pessoa de São Maurílio. Nasceu na Itália, sendo sua pátria uma pequena cidade do Milanês, e nasceu de pais cristãos, mais respeitáveis por sua sólida piedade que por sua nobreza e pelo papel que faziam no império. Seu primeiro cuidado foi dar a seu filho uma educação cristã. Teve Maurílio

a fortuna de ser instruído na Religião e educado na virtude por São Martinho, que, ao voltar da Panônia, onde ditosamente havia retirado sua mãe das trevas da idolatria, fazendo outras muitas, grandes e ruidosas conversões, deteve-se perto da cidade de Milão, onde começou a fazer vida monástica e a criar a juventude no temor santo de Deus e no exercício das virtudes cristãs.

Na escola de tão hábil mestre aprendeu Maurílio os primeiros princípios daquela eminente santidade a que o céu o chamava; mas não a pôde desfrutar por largo tempo. Era bispo de Milão Auxêncio, ariano de profissão; e, havendo desterrado do Milanês a São Martinho, seguiu Maurílio seus estudos no mosteiro, até que Santo Ambrósio o tirou daquele retiro para fazê-lo leitor de sua igreja, persuadido de que não podia fazer serviço mais importante a todo o clero. Muito desde logo o novo e jovem leitor foi o exemplo e a admiração de todos por sua modéstia, por seu juízo e por sua virtude; mas a divina Providência o tinha destinado para outra parte. Morto seu pai, que era governador da província, e não propondo-se Maurílio outra regra que o mais perfeito do Evangelho, pareceu-lhe que devia seguir o conselho do Salvador de abandonar por seu amor os parentes, os bens e tudo quanto mais amava em sua pátria. Com esta ideia abandonou tudo; e, sabedor de que São Martinho era já bispo de Tours e havia edificado um mosteiro, o qual era como um seminário de Santos, passou a buscar seu antigo mestre para aumentar o número de seus discípulos. Os progressos que fez Maurílio nos caminhos do Senhor corresponderam perfeitamente às grandes esperanças que São Martinho e Santo Ambrósio haviam concebido. À vista de seu abrasado amor a Jesus Cristo, de sua terna devoção à santíssima Virgem, de uma extrema pontualidade a todas as funções da vida monástica, de uma assombrosa mortificação de todos os seus sentidos, de uma caridade universal com seus irmãos, de uma profunda humildade, de um imutável fervor sem distinção de tempos nem de empregos, julgou o santo bispo de Tours que um sujeito tão excelente, dotado de tão relevantes prendas, não devia estar como sepultado dentro das estreitas paredes de uma humilde cela. Promoveu-o às sagradas ordens, conformando-se com o ditame e com o pensamento de Santo Ambrósio quando o ordenou de leitor; e, sem dar ouvidos às engenhosas evasivas que discorreu sua humildade, elevou-o à dignidade do sacerdócio.

Um caráter tão augusto, e tão respeitável aos mesmos Anjos, renovou em Maurílio todos os seus fervorosos desejos de aspirar à mais encumbrada perfeição. Aumentou os exercícios espirituais e acrescentou novos rigores à austeridade de sua penitente vida; e o fogo do amor divino que abrasava seu coração não só se deixou conhecer no sagrado silêncio do altar, mas se fez sobretudo experimentar nos ardores e nos maravilhosos efeitos de seu infatigável zelo.

Era a província de Anjou um país em que os abusos e o desenfreio reinavam entre os mesmos Cristãos; uma terra, enfim, inculta, silvestre e por desbravar. Foi enviado a ela São Maurílio e a cultivou tão ditosamente que em breve tempo se viu em toda ela uma geral e assombrosa mudança de costumes, correspondendo abundantemente o fruto ao trabalho do cultivo, tanto que em poucos dias foi Maurílio um verdadeiro apóstolo. Informado de que numa aldeia das cercanias de Angers se conservava um templo antigo dedicado aos deuses falsos e que ainda concorriam a ele os povos a oferecer votos e queimar incenso aos ídolos, vivamente comovido de que triunfasse ainda aquele resto do gentilismo em meio à cristandade, transferiu-se a ele sem outras armas que as de sua fé, as de sua confiança em Deus e as poderosas da oração. Seria ociosa diligência valer-se de meios humanos para lançar por terra o sacrílego edifício, e recorreu aos divinos. Pôs-se em oração à vista do templo, levantadas as mãos e os olhos ao céu, com resolução de importunar

constantemente o Pai das misericórdias e Deus de todo consolo até conseguir a milagrosa destruição de habitação tão infame. Pouco tempo teve que esperar esta graça. Achava-se o céu muito sereno e, sem embargo, viu-se descer dele um torvelinho de fogo que em nada de tempo reduziu a cinzas os ídolos e o templo. Atônitos os gentios à vista de tão estupenda maravilha, ficaram dispostos seus ânimos para converter-se; e, depois de havê-los instruído São Maurílio, incorporou-os no rebanho de Jesus Cristo. Edificou uma igreja ao verdadeiro Deus sobre as ruínas do templo que as chamas haviam consumido: serviu-a por espaço de doze anos, ilustrando sua santa vida e seus apostólicos trabalhos com prodigiosa multidão de portentosos milagres.

Certo pobre homem, chamado Saturno, havia nascido com as duas mãos tão áridas e tão secas que jamais havia sentido nelas o mais mínimo movimento, servindo-lhe em suma de duas massas de carne tão disformes como inúteis. Estando uma noite dormindo, pareceu-lhe ouvir uma voz que lhe dizia: «Vai buscar o servo de Deus Maurílio; roga-lhe que faça sobre tuas mãos o sinal da cruz, e ao mesmo tempo cobrarás o uso delas.» Não esperou que lho mandassem segunda vez. Logo que amanheceu, foi lançar-se aos pés do Santo, referiu-lhe o sonho e suplicou-lhe que fizesse o milagre. Conhecendo São Maurílio que Deus queria autorizar sua missão com aquele prodígio, fez primeiro oração, depois fez o sinal da cruz sobre as duas mãos e no mesmo ponto ficaram tão perfeitamente sãs que os que não as haviam visto antes não podiam crer que jamais houvessem estado enfermas.

Trouxeram-lhe uma mulher cega e possessa de um demônio tão furioso que era preciso tê-la sempre fortemente manietada. Compadeceu-se dela o Santo e, com uma espécie de prodígio poucas vezes visto, só com pôr nela os olhos ficou livre do demônio; e, fazendo depois o sinal da cruz sobre os da cega, restituiu-lhe a vista. Vieram dizer-lhe que os gentios dos países circunvizinhos, atemorizados do milagroso incêndio que havia consumido o templo de Calona, haviam juntado todos os seus ídolos e, colocando-os em certo lugar subterrâneo, concorriam continuamente a ele e lhes rendiam culto abominável. Não foi mister mais para acender todo o seu zelo. Passou imediatamente Maurílio àquele profano sítio e, com sua só presença, espantou todos os demônios, ouvindo-se-lhes gritar com horríveis uivos: «Maurílio, por que nos persegues em todas as partes? Também nos vens lançar deste último entrincheiramento? É possível que não nos hajas de conceder pazes nem tréguas?» Mais animado o Santo com suas queixas, fez o sinal da cruz e, em nome de Jesus Cristo, mandou-lhes que não voltassem mais a aparecer. Ao instante se conheceu que fugiam os espíritos malignos, dando bramidos espantosos. Vitorioso Maurílio de todo o inferno, mandou que juntassem todos os ídolos num monte, ele mesmo lhes pôs fogo e ficaram reduzidos a cinza. Pasmados os idólatras daquela maravilha, converteram-se todos à fé de Jesus Cristo; e, aproveitando-se o Santo de seu primeiro fervor, edificou ali mesmo um célebre mosteiro, que muito em breve se encheu de santos religiosos, cujas virtudes santificaram com seu bom odor todo aquele contorno.

Ao restituir-se à igreja, encontrou no povo uma tropa de mercadores que faziam infame tráfico, mal tolerado naquele tempo, e passavam à Espanha a vender escravos de um e outro sexo. Um deles escapou-se e refugiou-se na igreja de nosso Santo, onde, prostrado a seus pés, lhe suplicou que o livrasse da escravidão. Enterneceu-o a vista de tão lastimoso espetáculo; e, passando à pousada do mercador, rogou-lhe que desse liberdade àquele pobre homem, visto que havia sido apanhado por surpresa. Não se movendo a dureza do mercador com as razões mais fortes e mais

eficazes que o Santo lhe pôde dizer, não houve forma de querer dar liberdade ao escravo. Acudiu então São Maurílio a seu ordinário refúgio, que era o Senhor. Encerrou-se em sua igreja: passou toda a noite em oração aos pés de Jesus Cristo e pela manhã teve notícia de que aquele duro mercador estava agonizando. Com efeito, poucas horas depois expirou, deixando preocupados a seus companheiros de um espantoso temor. Com o medo de que viesse sobre eles outra semelhante desgraça, lançaram-se aos pés do Santo, desfazendo-se em lágrimas; e, bem persuadidos de quanto podia com Deus, suplicaram-lhe que tivesse piedade deles e do defunto, alcançando-lhe a este tempo e vida para conhecer sua culpa e fazer penitência dela. Deixou-se vencer São Maurílio: voltou à sua oração, ressuscitou o defunto; e o primeiro que fez foi pedir perdão de sua cobiçosa dureza e dar liberdade a seu escravo: exemplo que imitaram os demais, e todos aqueles infelizes cobraram a liberdade, dando palavra de que usariam bem dela.

Fez-se famoso o nome de Maurílio com tantas maravilhas; e, morto o bispo de Angers, que se crê que era Próspero, não houve em que deliberar para eleger a Maurílio por bispo; mas houve muito que trabalhar para vencer a aversão que sua humildade lhe inspirava a todo gênero de dignidades. Foi preciso tirá-lo à força de sua igreja paroquial e conduzi-lo a Angers com a mesma violência: nem se pôde recabar dele que consentisse voluntariamente em sua consagração, até que um milagre o obrigou a prestar o consentimento. Ao mesmo tempo que entrava na igreja catedral em companhia de São Martinho, seu metropolitano, que havia tido grande parte naquela promoção, deixou-se ver sobre sua cabeça uma pomba de extraordinária brancura, a qual se manteve nela até que se acabou a sagrada cerimônia da consagração. Esta a fez São Martinho, o qual assegurou que, além do Espírito Santo, visivelmente descoberto em figura de pomba, havia também assistido à consagração uma multidão de espíritos angélicos. O novo Bispo passou toda a noite seguinte em sua igreja, pedindo ao Senhor o verdadeiro espírito do apostolado; e pelas maravilhas que obrou depois em todas as funções, conheceu-se bem que havia recebido toda a plenitude. Em nada se dispensou de suas primeiras austeridades pelas fadigas apostólicas do pontificado; antes as aumentou para que seu zelo, como dizia ele mesmo, fosse mais eficaz.

Mas não foram bastantes todas as bênçãos que derramava o céu sobre sua solicitude pastoral para desvanecer a repugnância que sentia em ver-se ocupar uma sede tão ilustre quanto elevada; desgosto que se renovou por motivo de haver morrido um menino sem o sacramento da Confirmação, não obstante haver sucedido sem culpa do santo Prelado. Acrescentando-se a tudo isto o desejo de viver desconhecido, tomou enfim a resolução de deixar o bispado e desterrar-se da França para passar em solidão o resto de seus dias. Saiu, pois, secretamente da cidade e, encaminhando-se ao primeiro porto, encontrou um navio pronto para fazer-se à vela, no qual embarcou e foi à Inglaterra. Já estava em alto-mar quando se lembrou de que, sem advertir, levava consigo as chaves das relíquias de sua igreja; e, como as tivesse na mão, pensando no modo de enviá-las, veio um golpe de mar, fez o navio um balanço não previsto, e as chaves caíram na água. Movido deste acidente, levantou os olhos ao céu e exclamou: «Isto está feito; não voltarei à terra que deixei até que apareçam estas chaves.» Logo que desembarcou, tomou um vestido pobre; e, desejando viver desconhecido, ajustou-se por jardineiro em casa de um senhor, que logo se enamorou de sua afabilidade e de sua modéstia. Lançando Deus a bênção a seu pequeno e deslustrado trabalho, enamoraram-se todos da virtude do jardineiro estrangeiro, e cada um lhe fazia seu particular elogio.

Entretanto, logo que o clero e o povo de Angers chegou a entender a fuga de seu santo Pastor, foi geral o desconsolo em todo o bispado. Tomaram a resolução de buscá-lo em qualquer parte do mundo onde estivesse e, para este fim, foram nomeados quatro diocesanos, que por espaço de sete anos andaram correndo toda a Europa, mas sempre inutilmente. Enfim, estavam esperando que aparelhasse um navio que partia para a Inglaterra, com ânimo de embarcar-se nele, quando na margem do mar encontraram uma pedra onde estavam gravadas estas palavras: *Por aqui passou Maurílio, bispo de Angers, em tal dia e tal ano.* Com este milagroso descobrimento animaram-se mais a buscá-lo. Embarcaram-se, pois, e, quando iam navegando a todo pano, de repente um peixe grande deu um salto do mar ao navio, cujo estranho sucesso os deixou altamente surpreendidos; mas ficaram-no muito mais quando, abrindo-o, encontraram no ventre as chaves de suas relíquias. Ao princípio creram todos que sem dúvida o santo Bispo se havia afogado; mas na noite seguinte tiveram todos quatro, separadamente, uma visão que lhes desvaneceu este pensamento, assegurando-lhes que encontrariam Maurílio. Com efeito, logo que desembarcaram na Inglaterra, tiveram notícia de que em casa de um senhor inglês havia um estrangeiro que, com o nome e ofício de jardineiro, ocultava um raro mérito e uma virtude extraordinária. Não lhes foi difícil dar com ele: e, havendo-o encontrado em seu jardim, lançaram-se a seus pés, suplicando-lhe com lágrimas e rogos que se voltasse com eles a cuidar de suas ovelhas. Enterneceu-se o servo de Deus; mas lhes disse que havia feito propósito de não voltar a seu país até que aparecessem as chaves das relíquias. Mostraram-nas ao ponto os diocesanos e referiram-lhe o sucesso. Conhecendo então o santo Bispo a vontade de Deus tão declarada com aquela maravilha, rendeu-se a suas instâncias e consentiu em restituir-se a sua igreja. É fácil conceber a admiração e a veneração que causaria este enlace de prodígios aos que o souberam e o viram na Inglaterra; mas não é tão fácil imaginar a alegria e o respeito com que foi recebido em Angers por todo o seu amante povo. O historiador de sua vida, que ao parecer foi Venâncio Fortunato, bispo de Poitiers, assegura que, antes de partir da Inglaterra, havia tido uma visão em que lhe apareceu um Anjo, declarando-lhe ser vontade de Deus que voltasse a sua igreja e que, para maior favor, concederia a ressurreição daquele menino que havia morrido sem confirmação, servindo este acaso de pretexto a sua inspirada fuga. Diz o mesmo historiador que, mal chegou São Maurílio a Angers, foi à sepultura do menino, mandou abri-la e, animado de uma viva confiança no Senhor, fez oração, gemeu por largo tempo desfazendo-se em lágrimas, e o fruto de sua oração foi a ressurreição do defunto, a quem administrou imediatamente o sacramento da Confirmação, chamando-o Renato, em memória do segundo nascimento; tomou a seu cargo sua particular educação; formou-o em virtude; e Renato fez nela tantos progressos que mereceu com o tempo ser sucessor do mesmo São Maurílio. Até aqui o referido historiador. Este fato, ainda que se representa incrível, tem por fiadores o santo bispo de Poitiers, que viveu no século seguinte, a São Gregório, bispo de Tours, que floresceu em tempo ainda mais imediato ao milagre; e a antiga tradição da igreja de Angers, sabiamente provada na douta dissertação que deram à luz os cônegos daquela catedral.

O restante da vida de nosso Santo foi uma série continuada de milagres, de admiráveis exemplos de virtudes e um dechado cabal da vida apostólica. Nada afrouxou de seu primeiro fervor e antes aumentou suas penitências. Na Quaresma não comia outra coisa que um pouco de pão molhado em água e sal, e isto uma só vez de três em três dias, dormindo sempre sobre a dura terra. Mas o que era tão áspero consigo jamais o foi com os outros; antes fazia uma parte de seu caráter a

brandura e a mansidão de Jesus Cristo. Sempre se o encontrava de alegre e risonho semblante; ganhando-lhe os corações de todos aqueles seus modos tão gratos como apacíveis; e era dito comum que jamais se havia visto homem por uma parte mais mortificado e, por outra, que fizesse mais amável a virtude. Com sua só presença corrigia os abusos, e assim se viu mudar de semblante toda a diocese no governo de tão santo Pastor. Aboliu uma festa inteiramente pagã, que durava por espaço de sete dias, passando-se todos em danças e em banquetes, a qual se celebrava sobre o cume de um corpulento penhasco nas cercanias de Angers; e, para santificar um lugar profanado até então pela dissolução, edificou no mesmo sítio uma igreja em honra da santíssima Virgem. Enfim, cheio de dias e de merecimentos, acabou sua santa vida com a morte dos Santos no ano 437, quase aos noventa de sua idade, no dia 13 de setembro. Foi enterrado numa sepultura que ele mesmo havia mandado fazer numa espécie de cemitério perto de Angers, e o Senhor a fez gloriosa com multidão de milagres.

São Filipe, Mártir

Do ilustre mártir São Filipe nos dizem vários escritores que, havendo obtido em Roma os empregos mais honoríficos, o imperador Cômodo, em atenção a seus méritos, o nomeou prefeito do Egito. Passou com toda a sua família à cidade de Alexandria, capital de seu departamento; e, havendo adquirido sua filha Eugênia naquela célebre universidade do Oriente os mais altos conhecimentos científicos, em virtude de sua aplicação ao estudo, e por eles os da verdadeira Religião, instruindo neles seu pai Filipe, abraçou a fé de Jesus Cristo, em cuja defesa padeceu martírio. Seu corpo foi sepultado em Nítria, uma das solidões do Egito, onde sobre seu venerável cadáver erigiram os fiéis uma basílica, da qual depois se trasladaram suas relíquias a Roma; e, concedidas parte delas, com as de outros Santos, por Urbano VIII a Fr. João da Anunciação, trinitário descalço, para que enriquecesse vários conventos de sua Ordem; enviadas ao geral da mesma, deu este à majestade de Filipe IV as do mártir São Filipe, o qual as colocou no real oratório de seu palácio, onde se lhes tributa a veneração correspondente.

Santo Eulógio ou Eloy, Patriarca de Alexandria e Confessor

Nasceu Santo Eulógio na Síria e era ainda muito jovem quando abraçou a vida monástica em sua mesma pátria. A heresia eutiquiana, à sazão, havia-se dividido em várias seitas, como sucede por comum a quantos perdem o centro da verdade. Estes hereges, com a tirania de seus procedimentos e o acaloramento de suas contestações e debates, haviam enchido de confusão as igrejas da Síria e do Egito, e uma grande parte dos monges siríacos se havia feito muito notável pelo relaxamento de sua conduta e erros contra a fé. Eulógio aprendeu dos outros e da desgraça alheia a ser mais vigilante consigo e chegou a distinguir-se tanto pela retidão e santidade de suas ações como pela pureza de sua doutrina. Havendo chegado a alcançar uma vasta erudição em

todos os ramos de literatura no discurso de seu dilatado estudo e aplicação às ciências, aplicou-se ao da divindade nas sagradas fontes dela, que são as sagradas Escrituras e a tradição da Igreja explicada nos concílios e aprovada em escritos de autores eminentes. Desde que se retirou do mundo fez deste seu principal estudo, a que todas as demais tarefas eram como subsidiárias; e, como sua indústria era infatigável, sua concepção viva, seu juízo sólido, seus progressos foram tais também que o qualificaram muito bem para ser um campeão ilustre da verdade, digno de ser colocado com São Gregório Magno e um Santo Eutíquio como uma das luminárias mais brilhantes da Igreja na era em que viveu. Seu caráter recebeu um lustre muito maior da sincera humildade e do espírito de oração e compunção. Nos grandes perigos e necessidades da Igreja foi tirado de sua solidão e feito presbítero de Antioquia pelo patriarca Anastásio. Enquanto Santo Eulógio viveu em Antioquia, contraiu estreita amizade com Santo Eutíquio, patriarca de Constantinopla, e uniu suas forças com as deste santo Prelado contra os inimigos da verdade.

O imperador Justiniano e seu sobrinho Justino, o Moço, seu sucessor, haviam sido saqueadores do império e os opressores mais cruéis de seus vassalos; o primeiro para satisfazer sua extravagância e vaidade, e o último por saciar sua avareza e luxúria. Morto Justino II no ano de 576, depois de um reinado de dez anos, foi elevado ao trono imperial Tibério Constantino, príncipe virtuoso. Aplicou-se a curar as feridas causadas no corpo do Estado pelos reinados precedentes. Entre os males que então afligiam a Igreja, as desordens e a confusão que haviam causado nela as extravagâncias e tirania dos eutiquianos pediam aos gritos um remédio poderoso e um pastor hábil e zeloso, dotado de prudência e vigor para aplicá-lo com utilidade. Por morte, pois, do patriarca João foi Eulógio elevado à dignidade patriarcal em fins do ano 583, a solicitação do imperador Tibério Constantino, o qual, havendo reinado somente seis anos e dez meses, morreu no mesmo ano daquela consagração, deixando por sucessor seu genro Maurício. Santo Eulógio teve que fazer uma viagem a Constantinopla cerca de dois anos depois de sua promoção, para concertar as medidas concernentes aos negócios de sua Igreja. Nesta corte encontrou São Gregório Magno e contraiu com ele uma amizade santa, de modo que desde então não parecia haver neles mais que um coração e uma alma. Entre as cartas de São Gregório conservam-se algumas escritas a nosso Santo. Santo Eulógio compôs muitas obras excelentes contra os Acéfalos e outras seitas de eutiquianos. Fócio nos conservou fragmentos muito apreciáveis de alguns destes tratados: também de onze discursos de nosso Santo, dos quais o nono é uma recomendação da vida monástica: de seus seis livros também contra os novacianos de Alexandria, dos quais no quinto prova expressamente que os Mártires devem ser honrados. Fócio não faz menção do tratado de Santo Eulógio contra os Agnoetas, seita de eutiquianos: São Gregório Magno, a cuja censura o submeteu o autor, enviou-lhe sua aprovação, dizendo-lhe: «Não achei coisa alguma que não seja admirável em vosso escrito, etc.» Santo Eulógio não sobreviveu muito a São Gregório, porque morreu no ano de 606, ou, segundo outros, no de 608.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Maurílio, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Maurilii, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que na venerável solenidade de vosso confessor e pontífice São Maurílio se aumente em nós o espírito da piedade e o desejo de nossa salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 10,10-14

> **Latim:** 10 Hæc profugum iræ fratris justum deduxit per vias rectas, et ostendit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum ; honestavit illum in laboribus, et complevit labores illius. 11 In fraude circumvenientium illum affuit illi, et honestum fecit illum. 12 Custodivit illum ab inimicis, et a seductoribus tutavit illum : et certamen forte dedit illi ut vinceret, et sciret quoniam omnium potentior est sapientia. 13 Hæc venditum justum non dereliquit, sed a peccatoribus liberavit eum ; descenditque cum illo in foveam, 14 et in vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni, et potentiam adversus eos qui eum deprimebant : et mendaces ostendit qui maculaverunt illum, et dedit illi claritatem æternam.

Português: 10 Esta é a que guiou por caminhos direitos ao justo, quando fugia da ira de seu irmão e lhe mostrou o reino de Deus, e lhe deu a ciência dos Santos: A que o enriqueceu nos trabalhos, e recompensou as suas fadigas. 11 No dolo dos que o violentavam, lhe assistiu, e o fêz rico. 12 Guardou-o dos inimigos, e o assegurou dos enganadores, e o meteu num duro combate, para que vencesse, e soubesse que de tôdas as coisas a mais poderosa é a sabedoria. 13 Esta não desamparou ao justo vendido, mas sim o livrou dos pecadores: E desceu com êle ao fôsso, 14 e o não largou nas cadeias, até lhe depositar nas mãos o ceptro do reino, e o poder contra aquêles que o deprimiam: E convenceu de mentirosos aos que o deslustraram, e lhe deu uma nomeada eterna.

Reflexões

Protegeu-o contra seus inimigos e não abandonou o homem justo. Nada temas, alma de pouca fé; farias a Deus uma grande injustiça se desconfiasses de sua bondade ou se só tivesses nele uma confiança pouco firme: melhor sabe ele que tu mesma o que podes e o que és capaz de levar. Sobradas experiências tens cada dia de tua fraqueza e deverias viver desenganada de ti própria e de tuas resoluções. Quem ouvisse alguma vez nossos propósitos e quem visse nossa atual constituição creria que nenhuma coisa do mundo seria capaz de derrubar-nos, nem sequer de fazer-nos titubear; e, havendo dito com São Pedro: «Ainda que me seja preciso morrer contigo esta noite, não te abandonarei, não te negarei», basta depois o medo ou a tentação de uma infeliz criada para negar covardemente o Salvador. Oh, que fracos somos! Mas, por isso mesmo que é lastimosa nossa miséria, nossa própria experiência nos é muito proveitosa para desviar-nos de todo apoio, de todo recurso a nossas forças. Conheçamos, pois, o que somos; isto é, até onde chega nossa miséria e nossa fraqueza: mas este conhecimento experimental não nos deve desalentar. «Quando sou fraco, dizia São Paulo, então sou forte.» Mais que nossa fraqueza nos prejudica nossa própria estima. Não tentemos a Deus: mas ponhamos nele toda a nossa confiança. Não saímos com o que intentamos porque queremos ser os artífices de nossa fortuna ou, ao menos, os principais autores de nossos projetos. Nunca nos desalentemos à vista de nossas faltas: contanto que não as amemos e que não haja entre elas sequer uma que tenhamos certo secreto desejo de perdoar, nunca servirão de estorvo a nossa dita. As que unicamente detêm o curso das graças e vão debilitando a alma sem adiantar apenas um passo para Deus são as reservas e as exceções. Se detestas verdadeiramente todas as tuas imperfeições e se as abandonas todas ao espírito de Deus, ele as devorará como o fogo devora a palha; mas, antes de livrar-te delas, servir-se-á delas para livrar-te de ti mesmo. Empregá-las-á em humilhar-te, em confundir-te, em crucificar-te, em arrancar de teu coração todo recurso, toda confiança em ti mesmo. Queimará as varas depois de haver-te golpeado, para fazer-te morrer a teu amor-próprio. Humilhemo-nos constantemente sob a mão de Deus. Nossos inquietos temores do futuro só servem para atormentar-nos e para fazer-nos padecer inutilmente. Ditoso o homem que põe em Deus toda a sua confiança.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,24-27

> **Latim:** 24 Tunc Jesus dixit discipulis suis : Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me. 25 Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam : qui autem perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. 26 Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur ? aut quam dabit homo commutationem pro anima sua ? 27 Filius enim hominis venturus est in gloria Patris sui cum angelis suis : et tunc reddet unicuique secundum opera ejus.

Português: [24] Então disse Jesus aos seus discípulos : Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. [25] Porque o que quizer salvar a sua alma, perdella-ha: e o que perder a sua alma por amor de mim, achalla-ha. [26] Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que comutação fará o homem para recobrar a sua alma? [27] Porque o Filho do homem ha de vir na gloria de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada hum a paga segundo as suas obras.

Meditação

Sobre a confiança em Deus

Primeiro ponto

Considera que a confiança em Deus é uma esperança firme e uma segurança moral de que Deus não somente pode, mas quer fazer o que desejamos e lhe pedimos; de que nos facilitará e proporcionará os meios necessários para unir-nos a Ele; e que, havendo-nos já dado seu próprio Filho e as primícias de seu divino espírito, como em arras e em penhores de nossa salvação, nada nos pode negar já do que seja necessário para consegui-la, contanto que lho peçamos como devemos. E, com efeito, pois quis entregar seu próprio Filho à morte por nosso amor, que maior fundamento podemos desejar para pôr nele toda a nossa confiança? Não devemos esperar que nos quererá livrar de todos os perigos contanto que lhe sejamos fiéis; salvar-nos e levar-nos a seu reino, sem o qual de nada serviriam todas as demais graças? Ele mesmo nos exorta a esta confiança em toda a Escritura; tanto que a nenhuma outra virtude o faz com maior frequência: «Tem confiança em Deus de todo o teu coração», nos diz pelo Sábio. (Pr 3.) «Volta os olhos a todos os homens que há nas nações e sabe que nenhum esperou jamais no Senhor que fosse confundido.» (Eclo 2.) Que homem perseverou jamais constantemente no serviço de Deus que fosse abandonado? Quem o invocou a quem ele desprezasse? «Nossos pais esperaram em Vós, diz o Profeta, e Vós os livrastes; clamaram a Vós, e Vós os ouvistes; esperaram em Vós, e não foram confundidos.» «Deixai ao Senhor o cuidado de vós, e ele vos sustentará.» (Sl 54.) «Depositai em seu peito todas as vossas inquietudes, diz São Pedro, porque ele tem cuidado de vossas coisas.» «Desditosos aqueles que não têm coração, diz o Sábio, e que não confiam em Deus, porque Deus não os protegerá.» Nenhuma coisa honra mais a Deus que pôr nele toda a confiança, esperar tudo dele, ainda quando da parte do homem tudo parece que está desesperado, como se diz de Abraão, que esperou contra a mesma esperança, e como dizia o santo Jó que, ainda quando Deus lhe tirasse a vida, não deixaria de esperar nele. Pôr toda a confiança em Deus é glorificar seu poder, sua bondade, sua misericórdia; reconhecer que é princípio e autor de todos os nossos bens, sem o qual nada podemos, mas com ele tudo podemos. São inseparáveis da verdadeira confiança em Deus uma fé viva, uma esperança firme e uma ardente caridade; mas, em faltando aquela virtude, faltam também todas estas.

Segundo ponto

Considera que é grande consolo saber que, buscando o Senhor com todo o coração, nenhum bem nos faltará nem nesta vida nem na outra. Sempre foi manancial seguro e fonte copiosa de todos os bens uma viva confiança em Deus. Não se experimentam estes prontos socorros nem esta liberal assistência porque se tem uma confiança defeituosa, tímida e desmaiada; porque não se busca a Deus de todas as veras nem com todo o coração. Não se busca com todo o coração quando se busca por outra coisa distinta dele; para satisfazer o amor-próprio, a concupiscência, a vaidade ou a paixão. Não se busca em verdade, ou com todas as veras, quando se busca por outro caminho que o que Jesus Cristo nos traçou e por outros meios que os que nos prescreve o Evangelho. A vida ajustada; a fidelidade às obrigações do cristianismo e às particulares do estado de cada um; a experiência que se tem das misericórdias do Senhor, reconhecidas em si mesmo; a vigilância e a aplicação a observar seus defeitos e a corrigi-los; a fundar-se numa sincera humildade, no verdadeiro amor de Deus e do próximo; em desprender-se de si próprio e de todas as coisas da terra; em levar uma vida pura e verdadeiramente cristã: estes são os fundamentos da cristã confiança: esta confiança produz a paz da consciência: e esta paz domina as paixões, acalma as inquietudes, tranquiliza a alma em meio ao tumulto e aos vãos desejos a que está entregue o coração. Bom Deus! De quantos vãos temores que nos afligem, de quantas aéreas inquietudes que nos despedaçam nos livraríamos se reinasse em nossos corações a verdadeira confiança no Senhor! Mas, e por que não reinará? Faltam-nos motivos para tê-la? Toda a nossa religião nos prega, nos inspira esta confiança. Nenhuma coisa nos pode fazer mais felizes na terra que a viva confiança em Deus.

Ó meu Senhor! E que motivos não tenho para confiar em vossa infinita bondade! Aumentai-ma por vossa graça: nesta espero que de hoje em diante será minha mais estimada virtude e que com ela adquirirei todas as demais.

Jaculatórias

Esperei, Senhor, em ti, e seguro estou de que jamais serei confundido. (Sl 30.)

Bem-aventurado aquele que põe toda a sua confiança no nome do Senhor e despreza os vãos e frágeis apoios dos homens, que enganam os que confiam neles. (Sl 39.)

Propósitos

1. Geme-se no mundo ao peso das misérias, das enfermidades, das paixões e das desgraças. Poucos são os que não se queixam e não se consideram infelizes entre tantos trabalhos como turbam os dias mais serenos da vida. Os projetos melhor concebidos desvanecem-se; as medidas tomadas com a maior prudência não correspondem; com nada se sai do que se intenta; por quê?

Porque falta a confiança em Deus. É certo que se recorre a ele para lograr o bom sucesso de nossas empresas; mas consulta-se primeiro sua vontade para intentá-las? Forma-se um projeto que só reconhece por pais o amor-próprio e a paixão; e depois se pede a Deus que o abençoe. Isto se chama confiança em Deus? E depois nos admiramos de que seja sem fruto uma confiança que é tão vã? De hoje em diante tem em Deus uma inteira e perfeita confiança a respeito de todas as tuas coisas. Apoia-te em sua só misericórdia e conta só com sua assistência. Antes de formar algum projeto, consulta-o a Deus, e na execução põe nele toda a tua confiança. Obra de verdade com tanta aplicação como se todo bom sucesso dependesse de tuas diligências e de tua indústria; mas põe em Deus toda a tua confiança, como se só o Senhor o houvesse de fazer tudo.

2. Sempre se necessita alguma intercessão, algum empenho com os grandes e com todos aqueles de quem se espera alguma graça. Isto nos deve servir de motivo particular para alentar nossa confiança na santíssima Virgem. Depois de Jesus Cristo, toda a nossa esperança, toda a nossa confiança se há de colocar na Mãe de Deus. Ela é, como canta a Igreja, nossa esperança, nosso consolo e nossa vida: *Vita, dulcedo, spes nostra.* Não quis o Filho de Deus fazer o primeiro milagre senão a rogos de sua Mãe; ainda, segundo a expressão do Evangelho, parece que o divino Salvador antecipou o tempo de fazê-lo logo que a Virgem lho suplicou. Isto prova a confiança com que devemos acudir a Maria em todas as nossas necessidades. Renova hoje toda a tua confiança nesta divina Mãe e faze-a familiar com a oração que se segue:

«Ó minha Senhora Santa Maria, depois de Deus em ti ponho toda a minha confiança. Entrego-me inteiramente à tua proteção hoje, todos os dias de minha vida e singularmente na hora de minha morte: minha alma, meu corpo e meu refúgio inteiramente no seio de tua misericórdia: tu és toda a minha esperança e todo o meu consolo depois de Jesus Cristo. A ti recorro em todas as minhas misérias e em todos os meus trabalhos. Reconheço-te por árbitra de meus dias e, sobretudo, te encomendo o fim de minha vida, suplicando-te me alcances graça, por tua intercessão e por teus merecimentos, para que de hoje em diante todos os meus desejos e todas as minhas ações sejam conformes à tua santa vontade e à de teu querido Filho. Amém.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:30 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:30 by Admin